

RESENHA

A REGIÃO COMO PROBLEMA

Resenha de *Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea*, de Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, 208p.

Ao lecionar disciplinas como “Região e Regionalização” e “Teorias da Geografia”, ressentia-me de um livro em língua portuguesa que sintetizasse a questão regional e o conceito de região no seio da Geografia. Se é verdade que alguns artigos tratam da temática (penso, sobretudo, em “Região” [1986], de Roncayolo, e “O conceito de região e sua discussão” [1995], de Gomes), a meu ver faltava um trabalho que pudesse servir como referência para os estudantes de graduação. *Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea*, de Rogério Haesbaert (UFF), reúne elementos suficientes para assumir esse papel. Dentre suas múltiplas virtudes, gostaria de destacar três que me parecem assaz importantes.

Primeiro, ele resgata a região no âmbito da história do pensamento geográfico, dialogando com autores fundamentais (e nem sempre valorizados, muito pelo contrário!) como Vidal de la Blache, Sauer e Hartshorne, mas também com nomes mais recentes que vêm retrabalhando o conceito, tais como Massey, Werlen e Thrift. Em segundo lugar, aborda a região não a partir da ótica desta ou daquela corrente geográfica, mas sim do ângulo da *problematização* do ato de recortar o espaço e produzir conhecimento. Por fim, atualiza o debate regional à luz dos impactos resultantes da globalização, fenômeno histórico-geográfico que, inequivocamente, vem alterando nossa vida cotidiana de forma nunca antes vista.

Este é um livro escrito e pensado exatamente nesse contexto e, de modo mais amplo, sob um plano que, desde a década de 1960, vem propondo leituras alternativas à Ciência Moderna e ao paradigma cartesiano-newtoniano. Assim, influenciado por autores como Foucault, Deleuze e Guattari e Latour, Haesbaert enseja tratar a região menos como

um dado da “realidade em si”, uma “evidência concreta” ou um recorte voltado para o planejamento, preferindo reconhecê-la enquanto um *problema de pesquisa*, e não um espaço estabelecido *a priori*; opta por edificar uma trilha analítica que apreenda a região como resultado de ações, movimentos e reivindicações (que, não raro, vêm acompanhados de *representações*), e não algo compreendido através de uma única referência (a relação homem-meio, a luta de classes ou o vivido, por exemplo). Destarte, a região é apresentada como um arte-fato (ou *artefato*) (p. 110).

Na verdade, *Regional-Global* — aliás, o título é emblemático da tentativa de explorar a região como algo *em movimento* e que está *sempre em contato* com outras escalas — procura distanciar-se de simplificações, de explicações unilaterais. Não por acaso, seu autor defende uma concepção prioritariamente *integradora* da região, numa *démarche* que visa articular tanto a materialidade do espaço e da vida social quanto suas representações, tanto a dimensão política e econômica da configuração regional quanto seus aspectos culturais.

E se é verdade que esse livro não é uma obra de fórmulas (à moda dos antigos “manuais de geografia regional”), mas de *problematizações*, que o leitor afeito a um trabalho mais “tradicional” (no melhor sentido do termo, é bom que se diga) de Geografia Regional seja impelido a *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste* (1997) — tese de doutorado do próprio Haesbaert —, onde encontrará as minúcias de como proceder na articulação da economia e da política, da cultura e da análise do discurso.

Aliás, para quem vem acompanhando a trajetória intelectual de Haesbaert (*Regional-Global* é uma reunião e um aprofundamento de artigos outrora publicados, com destaque para os ótimos “Região, diversidade territorial e globalização” [1999] e “Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional” [2003]), a tese acima citada já continha o germe de uma série de pontos abordados nesse novo livro. Entre outros, o imperativo de — principalmente em tempos de globalização — *associar*, e não dicotomizar, as lógicas zonal (extensa e contígua, de modo geral) e reticular (descontínua, apenas para citar uma feição [o que não exclui a dimensão integradora da rede, vale ressaltar]).

Nesse sentido, ao tirar partido da experiência acumulada na investigação e na docência — há um tom ligeiramente autobiográfico a atravessar todo o livro —, *Regional-Global* elabora e reelabora algumas

feições metodológicas que devem ser discutidas com bastante interesse. Isso se manifesta sobremaneira em três momentos:

(i) ao identificar noções comuns que têm caracterizado o debate regional na Geografia, que seriam a singularidade, a integração, o par fixidez-fluidez e a meso-escala no interior do Estado Nacional (p. 123);

(ii) ao reconhecer quatro formas de regionalização: como instrumento de análise, da prática, de intervenção e enquanto processo simultaneamente teórico e prático (pp. 185-186);

(iii) ao apontar os elementos que compõem a “articulação regional”: distintos sujeitos sociais, questões referentes ao espaço *lato sensu* [e ao tempo] e diferentes escalas e dimensões do espaço (pp. 188-189).

Na verdade, o esforço teórico-metodológico do autor — acompanhado de uma revisão bibliográfica que reúne o que há de melhor e mais atual em português, francês e, sobretudo, inglês —, guarda inúmeras semelhanças com o que ele havia feito em *O mito da desterritorialização* (2004). Trata-se não de uma defesa corporativa dos conceitos de território e região, mas sim de enfatizar a relevância analítica e empírica dos mesmos numa época histórica que, muitas vezes, conduz a excessos e precipitações. Não por acaso já declararam, sem maiores dilemas, o “fim” da região, do território e, conseqüentemente, da Geografia. Ora, não é preciso ser muito inteligente para perceber que falas como essa não contribuem em nada para a compreensão de nossos dias. De qualquer maneira, uma vez que tais falas existem, os trabalhos de Haesbaert servem como antídoto a uma batalha por demais inglória travada pela Geografia no conjunto das Ciências Humanas. Por alguma razão, de modo geral elas insistem em apropriar-se da Geografia como se ela continuasse a ser a mesma ciência do início do século passado!

Num mundo onde a globalização caminha junto com a fragmentação, o capitalismo continua selecionando áreas e excluindo pessoas e recortar o espaço continua sendo — e sempre será — uma ação política, como abrir mão do potencial (material e simbólico, “natural” e social, para repetir o autor) elucidativo inscrito na região e na regionalização? Num mundo em que a homogeneização via mercado é absolutamente incapaz de apagar a diversidade da vida social e em que a reivindicação por espaço (seja o território de um povo, a região reivindicada por uma dada cultura ou a “simples” necessidade de uma casa para morar) é uma demanda global e incessante, como acreditar que as fronteiras simplesmente não existem mais ou que as regiões foram substituídas por completo pelas redes?

Enfim, eis um livro que explora, com a devida consistência, a região (o conceito e as evidências empíricas, tratando ambos como *problemas* e não como verdades estabelecidas *a priori*) em tempos de globalização e as consequências epistemológicas resultantes desse encontro para a Geografia. Efetivamente, entramos num período em que algumas tradições continuam a ter seu valor (as reflexões de Vidal de la Blache, p. ex.), mas outras não pertencem senão ao passado (a região presa a uma única escala ou representando apenas uma dada homogeneidade). Igualmente, devemos admitir que certos traços desse mesmo período (redes, virtualidades, meio técnico-científico-informacional, sociedade do conhecimento) não são meros modismos, mas vieram para ficar, modificando sobremodo nossas experiências espaciais.

São essas experiências que Rogério Haesbaert captou por um ângulo que representa o passado e o futuro da Geografia: da região e da regionalização. Livro incontornável para aqueles que se propõem a renovar os fundamentos da ciência geográfica — sem com isso abandonar sua tão afortunada herança.

Guilherme Ribeiro